

EDITORIAL:
**EM DEFESA DA DEMOCRACIA: E A LUTA CONTRA A CULTURA
DA INTOLERÂNCIA**

Editor Responsável¹
José Paulo Florenzano

É com imensa satisfação que apresentamos a quarta edição da Revista Avesso, agora com uma nova equipe editorial. De fato, antes de mais nada, fica registrado do nosso agradecimento ao grupo fundador da publicação, composto por Gustavo Ruiz da Silva, Camille Sant’Anna, Mariana Slerca e Sofia Samea Sousa. Arrojadados/as e criativos/as, sobretudo, determinados/as, eles/as superaram todas os obstáculos para a realização do projeto acadêmico de uma revista científica, voltada aos graduandos das diversas áreas das Ciências Humanas.

A nova equipe editorial assume com a responsabilidade de manter o padrão de excelência estabelecido pelo grupo fundador, zelando pelos princípios éticos que nortearam a criação da Avesso, baseados no livre debate de ideias, na realização da análise crítica, na abertura aos diversos pontos de vista a respeito das questões sociais, políticas e culturais. Trata-se, com efeito, de reafirmar o compromisso da revista com a construção de uma sociedade plural, democrática e inclusiva, hoje, infelizmente, ameaçada pela ascensão da extrema direita, e, com ela, da cultura de intolerância.

A atual edição, com efeito, reúne artigos sobre as questões cruciais do nosso tempo, em especial, a do racismo, considerado justamente uma das



¹ Coordenador Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil.

principais expressões da mencionada cultura de intolerância. O texto de João Victor Magalhães de Almeida, nesse sentido, não poderia ser mais oportuno ao abordar a obra clássica de Frantz Fanon, “Os Condenados da Terra”, referência histórica da luta anticolonial do passado e da luta antirracista do presente. O artigo “Apologia do concreto: racismo e violência na obra de Frantz Fanon” analisa com acuidade o papel da violência na luta de emancipação, devidamente contextualizada na situação colonial; identificando em seguida os sujeitos da transformação histórica. Mais adiante, o autor reconstitui a recepção, cercada de controvérsias e mal-entendidos, da obra fanoniana na esfera da política e no campo acadêmico.

Os dois artigos subsequentes inserem-se na discussão abordada no texto de abertura. Percorrendo caminhos teóricos complementares, eles acabam convergindo para a série constituída pela análise do processo pedagógico, do racismo estrutural e da identidade negra. O primeiro, de João Victor Borri de Oliveira, focaliza a questão do racismo no ensino público brasileiro, e o segundo, de Gabriel da Silva Brito e Marcos Jesus Alves Monteiro da Silva, desvela a contribuição do Museu Afro Brasil para a construção de uma nova narrativa sobre a negritude.

De fato, o artigo “As escolas e o racismo: identidades e percepções de estudantes do ensino médio” nos mostra como as instituições de ensino também se constituem em espaços de reprodução das desigualdades sociais, revelando-se, ademais, despreparadas para o desafio representado pela alteridade, considerada seja da perspectiva de gênero, seja do ponto de vista étnico-racial. Peça-chave no dispositivo racial implantado no país, o sistema educacional foi e tem sido historicamente responsável pela perpetuação do mito da democracia racial, contribuindo, dessa maneira, para silenciar o debate sobre o preconceito e a discriminação racial.

Já o artigo “O estético e o Museu Afro Brasil: possibilidade de implementação da Lei 11.645/08 em escolas públicas da cidade de São Paulo”,

utilizando como aporte teórico da obra também clássica de Herbert Marcuse, “Eros e a Civilização”, conjectura quais são as condições de possibilidade do advento de uma sociedade não-repressiva, e, sobretudo, qual o papel da instituição museológica nesta criação histórica. Como argumentam os autores do texto, a Lei 11.645, promulgada em março de 2008, assegura a inclusão no conteúdo curricular dos estabelecimentos de ensino, tanto o fundamental quanto o médio, da história e da cultura afro-brasileira e indígena. O poder de narrar monopolizado pelos grupos hegemônicos tem acarretado o silenciamento das lutas e o apagamento dos grupos cuja trajetória coloca em questão as verdades cristalizadas e reproduzidas pela ordem sociorracial instituída no país. A instituição museológica idealizada por Emanuel Araújo configura-se, assim, em um espaço privilegiado para a construção de uma contra-narrativa.

O artigo de Beatriz Silva dos Santos, intitulado “Feminicídio e Serviço Social: notas para um debate”, amplia e aprofunda os temas anteriormente abordados, desvelando mais uma faceta do racismo estrutural. De fato, à medida que a violência letal que atinge as mulheres brasileiras recai, principalmente, sobre as mulheres negras – conforme tem atestado os dados publicados nos últimos anos pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública -, não há como ignorar a intersecção de gênero e raça no fenômeno em tela. Além disso, a autora discute o enfrentamento da violência no Serviço Social, seja no plano teórico-acadêmico, seja no plano da atividade profissional, cuja ação esbarra nos limites de uma rede de proteção que se encontra muito aquém das necessidades impostas por um país que apresenta uma das maiores taxas de feminicídio do mundo.

Em seguida, no artigo “O testemunho traumático e sua representação em documentários sobre a Ditadura Militar no Brasil” (1964-1985), Lucas Henrique Vieira Silva Santos coloca em foco o significado da narrativa produzida por aqueles que sobreviveram aos horrores das sessões de tortura



nos porões do regime autoritário. Por intermédio da linguagem cinematográfica contida nos documentários *Brazil: A Report on Torture* (1971), de Hannah Eaves e *Vamos falar do Brasil: Tortura* (1969), de Chris Marker, o autor revisita um passado que se mantém vivo, explorando toda a tensão que permeia as cenas e os relatos de uma experiência histórica, humana e subjetiva, situada nos limites do dizível e do indizível. Nesta mesma linha de raciocínio, o texto “Revolta e Micropolítica na poesia de Ferreira Gullar”, escrito conjuntamente por José Jefferson da Costa Ferreira e Ana Paula da Costa Munção, analisa os elementos de revolta e resistência presentes na produção poética de um artista exilado, cujo devir-clandestino, molecular e minoritário, nos termos de Félix Guattari e Gilles Deleuze, indica a linha de fuga traçada no contexto da Ditadura Militar.

O artigo de Bernardo João do Rego Monteiro Moreira, denominado “Soberania e Ciber-Soberania: a China na redefinição do Ciberespaço”, trata das ameaças cibernéticas que rondam as sociedades contemporâneas, desafiando o poder de regulação e defesa dos estados nacionais. À luz da reordenação de forças no campo das relações internacionais, o autor se detém no papel da nova potência mundial, a China, indagando a respeito do papel que ela exerce no quadro de uma revolução tecnológica cujos desdobramentos ninguém consegue prever. Eis a pergunta chave formulada no artigo: “O que está em jogo na Ciber-Soberania?”

A quarta edição da Revista *Averso* se encerra com o artigo “Vaporwave: da nostalgia à ontologia do assombro”, de Lucca Palmieri, sobre um novo microgênero de música eletrônica, cuja análise nos conduz de volta à cultura da internet, mas desta feita não para discutirmos as questões de governança do ciberespaço, e, sim, para avaliarmos as implicações estéticas e artísticas de uma expressão musical surgida nas primeiras décadas do século XXI. De acordo com a análise antropológica do texto, o vaporwave permite e promete ao interessado transitar pelos espaços de memorização,

de reverberação, de sons provenientes do passado, do futuro, de uma transversal do tempo.

Por fim, gostaríamos de agradecer imensamente a colaboração de todas e de todos as/os autores que contribuíram com suas reflexões e pesquisas para a edição de mais um número da Revista Avesso: Pensamento, Memória e Sociedade. Às nossas leitoras e aos nossos leitores, desejamos que os artigos reunidos nesta edição sejam inspiradores para a produção de novos trabalhos, contribuindo, ademais, para a elucidação das inúmeras manifestações de intolerância em curso na sociedade contemporânea.

São Paulo, 1º Semestre de 2022



2022, v. 3, n. 1